

## GERAÇÃO Z

Daniel Manzoni de Almeida<sup>14</sup>

Ele, o mais novo, Eduardo,  
disse que odiava o mais velho, Roberto,  
cinco minutos antes do copo de vodka,  
saborizada artificialmente com maçã verde,  
cair de sua mão,  
espatifar, de um lado no chão e,  
seu corpo cair morto do outro lado,  
pelo coração acelerado ao máximo,  
tão rápido,  
no *beat* do doce  
na medida certa, pesquisada na internet,  
conseguido pelo *dealer* da boate,  
para o coração,  
amolecido de paixão e ausente de maldade,  
explodir como bolha de gás de refrigerante gelado:  
a morte é uma bolha de gás

Entre o susto e a excitação, Eduardo,  
lançou-se sobre o corpo de Roberto ainda quente, apalpando-o,  
não na busca por batimentos do coração de um corpo ainda vivo,  
mas para arrancar,  
e arrancou com certo desespero febril,  
a corrente de prata com uma pequena chave,  
que adornava como pingente, dependurada no pescoço do morto,  
que Roberto usava quase como parte do corpo de tão inseparável:  
a chave do futuro sem moedas contadas para o metrô.

Com a chave em mãos, a cabeça de Eduardo pesou,  
entre a vontade de pegar o telefone e chamar uma ambulância

---

<sup>14</sup> Unicamp; e-mail: danielmanzoni@gmail.com.

na esperança última de buscar a vida de volta  
ou pesou a favor do brilho do tão falado precioso diamante  
que Roberto dizia estar dentro do cofre no escritório:  
era o brilho da fortuna de sua independência na febril  
periferia vida de subir um degrau no poder de comprar.

Então, dilacerado pelo desejo de subir a vida sozinho,  
Eduardo, sem prestar atenção que descia ao inferno,  
pela escada da ambição,  
correu com a chave entre os dedos suados e gelados, em direção ao cofre.  
“Antes eu que a família dele ficar com esse diamante”,  
pensou nefasto, enquanto abria o cofre:  
o futuro se abria sem medo de fechar um passado com veneno:  
o dinheiro, a partir de então,  
lhe adoçaria a vida.

Cofre aberto, sem nenhum brilho de pedra preciosa,  
nenhum diamante dentro.  
Apenas uma foto sozinha de Eduardo,  
no dia que completaram um ano de juntos,  
e uma frase escrita por Roberto: “Meu diamante verdadeiro”.  
Eduardo caiu,  
a princípio por desilusão de não ter o dinheiro,  
imediatamente para Paris, Nova Iorque, Roma e Berlim,  
no circuito do DJ belga,  
em segundo, em tamanho desespero e culpa,  
pelo impulso da não sabedoria,  
que sua única solução foi tomar o resto da garrafa de vodka,  
mortalmente temperado por ele,  
num gesto shakespereano e cair morto ao lado do companheiro  
de pouco mais de um ano e meio  
que só falava,  
nos últimos meses,  
despertando a ambição do garoto,

de camiseta de grife presenteada,  
do diamante trancado no cofre:  
a morte tem gosto salgado.